UNIVERSIDADE DESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

1767

EDUCAÇÃO E IDEOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

SIMONE PINTO DA SILVA

Monografia apresentada como exigência parcial para aprovação na disciplina EP 150, "Sistemática do Trabalho Individual e de Grupo", sob a orientação do Professor Dr Ezequiel Theodoro da Silva.

CAMPINAS/1992

UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
BIBLIOTECA

M

SUMÁRIO

P

1- Introdução.....01

2- Ideologia.....03
2.1- Concepção de Ideologia.....03
2.2- Breve Histórico de Ideologia na Educação.....04

3- Organização e Participação Política dos Professores.05
3.1- Contextualização Histórica e Social do Movimento Participativo.....06
3.2- Formas de Luta e de Participação.....10
3.2.1- Greves.....10
3.2.2- Sindicato/APEOESP.....14
3.2.3- Pais de Alunos, Comunidade e Conselho Escolar.....17
3.2.4- Movimento Estudantil.....18
3.2.5- Partido Político.....19

4- Conclusão.....20

Notas.....21

Bibliografia.....22

Anexos.....23

Agradeço ao pessoal da APEOESP, por me fornecer parte do material utilizado nesse meu trabalho de pesquisa. Um agradecimento especial à Márcia (secretária da subsede de Campinas), pela dedicação e vontade em me ajudar.

Agradeço também ao meu filho, por permitir a alegria de está-lo gerando.

RESUMO GERAL

Procurei realizar minha pesquisa dando ênfase nas formas de participação política e nas lutas da classe de professores brasileiros (principalmente do Estado de São Paulo). Uma pequena alusão à parte teórica do tema é feita no início da monografia, onde é exposto a concepção de ideologia, de luta de classes, ideologia na educação e um histórico. Nessa primeira parte faço uma condensação da pesquisa bibliográfica, não me aprofundei nela porque penso que uma leitura dos teóricos desse tema é muito mais enriquecedora do que minha simples tentativa de reprodução resumida de suas obras. O objetivo dessa parte teórica do trabalho é fornecer o entendimento da prática relatada na fase seguinte.

A segunda parte da monografia refere-se a esta prática de participação política. Infelizmente a bibliografia ligada a esse tema é escassa, encontrei apenas um livro que relatava as experiências vividas por professores nos anos de 64 a 80. O restante do material foi retirado de jornais da APEOESP e da pesquisa de realidade realizada pelas quatro componentes desse tema, trocamos as respostas para obtermos maiores informações. Talvez a análise dessa prática tenha deixado um pouco a desejar à nivel de dados, mas ela está coerentemente embasada na realidade brasileira. Tentei abordar as diferentes formas de participação política. Fiz uma caracterização mais aprofundada a respeito da greve, por ser este o meio de luta mais utilizado pelos professores. Outra abordagem especificada é feita ao sindicato, e, em principal, à APEOESP, por serem estes a segunda maior forma de participação política dos professores. Nesta monografia também é abordado outros tipos de participação, como o Conselho Escolar, Partidos Políticos, Comunidades, pais de alunos e movimento estudantil.

A conclusão do trabalho é feita a partir de uma análise dos dados da realidade (questionários) relacionados à bibliografia e ao material fornecido pela APEOESP. Em outras palavras, uma analogia entre a parte prática e a parte teórica do trabalho.

E P I G R A F E

Elogio da Dialética

A injustiça avança hoje a passo firme.
Os tiranos fazem planos para dez milênios.
O poder apregoa: as coisas continuarão a ser como são.
Nenhuma voz além da dos que mandam.
E em todos os mercados proclama a exploração: isto é apenas o meu começo.
Mas entre os oprimidos muitos há que agora dizem:
Aquilo que nós queremos nunca mais alcançaremos.
Quem ainda está vivo nunca diga: nunca.
O que é seguro não é seguro.
As coisas não continuarão a ser como são.
Depois de falarem os dominantes
Falarão os dominados.
Quem pois ousa dizer: nunca?
De quem depende que a opressão prossiga? De nós.
De quem depende que ela acabe? Também de nós.
O que é esmagado, que se levante!
O que está perdido, lute!
O que sabe ao que se chegou, que há aí que o retenha?
Porque os vencidos de hoje são os vencedores de amanhã.
E nunca será: ainda hoje.

Bertold Brecht

1- INTRODUÇÃO

A ideologia é transmitida ao professor de várias maneiras e por diferentes instituições. O mais marcante desses meios de coerção, sem dúvida, é o governo que, com um programa de má formação do magistério, com os baixos salários que paga aos professores e com a desvalorização do ensino, vai fazendo o professor perder sua identidade e capacidade de luta. O professor enfrenta essas e mais uma série de dificuldades (cumprimento de currículos, excesso de trabalho, burocratização de escola, sobrecarga de função, etc) e vai sentindo que "só com muito amor" pode seguir sua profissão. Assim, por gostar muito, vai dando suas aulas... Não questiona o que tem de implícito na política educacional, apenas a cumpre como um sacerdócio. No entanto, existe um momento de luta, o professor, incomodado com suas condições de trabalho, se organiza e faz suas reivindicações através da greve. Mas, se decepciona, pois a Educação não é e nunca foi prioridade para o governo brasileiro e , sendo assim, poucas são as vitórias conseguidas. Com um processo de contínuas derrotas, o professor vai se desgastando e, com o tempo, assume definitivamente seu papel de sacerdócio...

Uma primeira leitura desse parágrafo gera, no mínimo, duas perguntas principais: Quem é esse Governo que tenta sucatear a Educação? O processo de manipulação ideológica se dá dessa maneira simplista e mecânica?

A primeira resposta é a base para o entendimento da segunda. Para saber quem é o governo, basta ver quem ele representa. No caso do Brasil, uma sociedade capitalista, o governo representa os interesses da burguesia. Segundo Eric Hobsbawn, " uma das principais características da burguesia como classe era que consistia num corpo de pessoas com poder e influência (...). A burguesia como classe não organizou movimentos de massa, mas grupos de pressão"[4] Sendo "grupos de pressão" e tendo "poder e influência",ela se transformou em classe dominante e todas as relações, ordens, mandatos, etc do governo se estabelecem em função da vontade daquela. O poder político nada mais é que o poder econômico. Não interessa para a classe dominante (e, portanto, para o governo) que "sua" classe dominada se torne consciente e instruída, assim são tomadas medidas que vão tornando a Educação um veículo de alienação. O poder que o

ensino tem de conscientizar pessoas é completamente camufla do.

Os apontamentos feitos até aqui já permitem uma ' resposta da segunda questão. Já sabemos que o interesse da burguesia é desconscientizar a classe dominada. A efetiva - ção disso acontece com a manipulação ideológica. Esse pro - cesso depende do governo (que utiliza a lesgilação para ma nipular a sociedade) e se dá de maneira gradual, na verda- de ele vem acontecendo no decorrer de nossa história. O ' professor é peça-chave para os interesses da classe dominan te. O objetivo de seu trabalho tem que ser "produzir" alu - nos alienados e essa produção só se faz quando comandada ' por professores também alienados.

A função da organização e participação política ' dos professores é substancialmente esta: tentar evitar que' essa intenção burguesa se efetive. Os professores, constitu ídos em classe , conseguem mais facilmente lutar para se de fenderem. O primeiro passo dessa organização é formar um ' sindicato ou uma entidade que os represente; o segundo,é fa zê-los conscientes ao ponto de não aceitarem serem manipula dos ideologicamente; e o terceiro, é incentivá-los a parti- cipar politicamente na tentativa de romper com o ofício de sacerdócio. A esse respeito, diz Gadotti:"O ato pedagógico ' exige paciência história, vontade de caminhar junto e não ' de se sacrificar na vanguarda. Uma educação vai mais à fren te na medida em que tiver menos heróis, menos sacerdotes ' que se imolam em holocausto. Esses heróis da educação nada' entenderam da própria educação. Apenas assumiram as dores ' de uma sociedade que utiliza a educação para aparar e dissi mular suas contradições. A recusa, a desobediência de não ' 'bancar o herói' é um ato consciente para o educador"(2). As diferentes formas de participação política serão abordadas' mais especificamente no item 3 da monografia. Por enquanto' fica a análise dos motivos que geram a alienação dos profes sores e de como eles, através da participação política, po- dem e devem reverter esse processo.

2- IDEOLOGIA

2.1- Concepção de Ideologia

A ideologia é um processo que resulta da luta de classes, sua função é esconder a existência dessa luta. A luta de classes implica numa dominação de uma classe sobre outra. Na sociedade capitalista os dominantes são os proprietários que exploram economicamente os não proprietários e os domina politicamente. Os instrumentos utilizados pra essa dominação são o Estado e a ideologia.

O Estado tem o controle do Direito ou das leis que regulam as relações sociais, com estes, a classe dominante exerce sua coerção e repressão social. "O papel do Direito ou das leis é o de fazer com que a dominação não seja tida como uma violência, mas como legal, e por ser legal e não violenta deve ser aceita. A lei é direito para o dominante e dever para o dominado"(3).

A ideologia regula esse direito do dominante substituindo a realidade do Estado pela "idéia do Estado" e a realidade do direito pela "idéia do Direito". Para que a ideologia seja eficaz, ela precisa transformar as idéias da classe dominante em idéias de toda a sociedade, fazendo com que a classe detentora do plano material (econômico, social e político), também seja detentora do plano espiritual (das idéias). Para que essa dominação de idéias ocorra é necessário que os membros da sociedade não se percebam como estando divididos em classes, pois a divisão de classes resulta numa divisão também de idéias (cada classe deveria possuir suas próprias). A dominação e exploração não podem ser vistas em sua realidade concreta, a ideologia tem que dissimular e ocultar a existência das divisões sociais como divisão de classe.

Assim, é função da ideologia transformar as idéias particulares da classe dominante em idéias universais, essa universalidade, portanto é abstrata. Segundo Marilena Chaui, produz-se a ideologia em três momentos: "a) ela se inicia como um conjunto sistemático de idéias que os pensadores de uma classe em ascensão produzem para que essa nova classe apareça como representante dos intereses de toda a sociedade ...; b) ela se populariza, torna-se um conjunto de idéias e de valores concatenados e coerentes, aceitos

por todos os que são contrários à dominação existente ...;
c) uma vez sedimentada e interiorizada como senso comum, a ideologia se mantém, mesmo após a vitória da classe emergente, que se torna, então, classe dominante " (4).

Esse é o processo de universalidade da ideologia, o que a faz um instrumento eficiente para a classe dominante. A única coisa a ser ressaltada é a maneira com que essa classe "distribui" suas idéias. É aqui que interesa ao nosso trabalho, pois essa distribuição é feita através da religião, dos costumes, dos meios de comunicação disponíveis, das magistraturas e da educação. A educação, portanto é um veículo da universalização das idéias dominantes, sendo assim, está à guisa da burguesia e do Estado.

2.2- Breve Histórico da Ideologia na Educação

A educação no século XVI é marcada pelo ensino religioso, ainda não se desenvolve a escola pública. Só no século XVII é que se acentua a ação dos Estados. A educação estatal só é institucionalizada a partir do século XVIII até a revolução Francesa (1789), onde se torna definitiva. A época do nascimento dessa educação é a do confronto decisivo entre Estado burguês e Estado aristocrata. Paulatinamente, a educação vai sendo conferida pelas Assembléias e, segundo Maria Luisa S. Ribeiro, "dirigida a todas as classes sociais, diante da necessidade de a burguesia convencer uma base social mais ampla e, de que pela realização dos seus interesses realizar-se-iam, também, os intereses das classes dominantes" (5).

Assim, a escola adquire o caráter de universalização melhor especificado no item 2.1 . Esse momento representa a fase onde a classe em ascenssão (burguesia) transforma seus interesses em interesses gerais da sociedade, iniciando o processo de ideologia.

A nova rotina de vida e de trabalho, determinada pela Revolução Industrial e pela transformação da sociedade (feudal para capitalista), faz necessário o domínio de um determinado saber por parte da população. Os mínimos conhecimentos exigidos são: execussão das tarefas profissionais que são inéditas na empresa capitalista; e dominação do meio urbano que vai se tornando necessária para que se domine as alterações ocorridas na sociedade.

Numa fase seguinte, é evidenciado um processo on

de o professor vai deixando de ser Estado (burguesia) e vai passando a ser a classe fundamental dominada (operariado). Nesse momento o operariado, constituído em uma classe, cria organismo que represente e viabilize seus interesses (sindicatos e partidos políticos). Porém, suas reivindicações são a nível de oficializar a social-democracia, através das eleições. Adam Przeworski fala que o objetivo do operariado era ganhar as eleições, obter um mandato predominante voltado para transformações revolucionárias e criar a legislação que conduziria a sociedade ao socialismo. A educação não faz parte de suas reivindicações, é apenas, um veículo de ascensão social, utilizado para deixar de ser operário ou lavrador.

A conquista no âmbito educacional acontece tardiamente, através das eleições, os trabalhadores vão, pouco a pouco, tendo direito à permanência e ao ingresso na escola. Essas conquistas só acontecem quando a classe operária passa a fazer "pressão" através de uma ação organizada. Os educadores e estudantes, imbuídos nesse processo de pressão, vão alterando as precárias condições de trabalho e as estruturas escolares. A união dessas pressões formam um vínculo de interesses entre os professores e a classe dominada. "Os educadores escolares e em especial os professores, vão passando por um processo de 'proletarização' que atinge o coletivo e acaba por aproximá-los mais, enquanto assalariados-educadores, dos assalariados-operários" (6). Essa aproximação acontece mediante um trabalho de <u>conscientização</u> e <u>organização</u>, aqui se inicia a luta ideológica (os professores politizados se posicionam contra a ideologia dominante), e em consequência ocorre a repressão que tenta obstruir essa luta. No item a seguir serão tratados melhor as formas que os professores encontram para promoverem essa sua conscientização e organização.

3- ORGANIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO POLITICA DOS PROFESSORES

A abordagem dessa parte do trabalho será feita através da análise dos anos 60 até os dias de hoje. A participação política dos professores antes disso não será abrangida por dois motivos principais. O primeiro foi a falta de bibliografia a respeito dessa época. O segundo, é o fato de, a partir da década de 60, ter-se dado o golpe militar que mudou os rumos da nossa hitória e, principalmente, da educação.

3.1- Contextualização Histórica e Social do Movimento Participativo.

Nos anos 60 a escola pública atingiu um alto grau de crescimento, aumentou a demanda de alunos e ampliou-se consideravelmente. Esse processo teve como conseqüência a complexificação dos recursos humanos, ampliando-se também o número de professores, os quais, a partir daí, tornando-se expressivo em quantidade, passaram a constituir uma "classe".

Apesar da escola pública ter crescido, o que em primeira análise é um acontecimento bom e de importante conquista social, esse fato acontece "amparado" pelo regime militar. Maria Luisa S. Ribeiro coloca que ocorre na escola um processo de "modernização conservadora" efetivada pela "militarização racionalizadora"(7). A repressão militar torna a escola silenciada e burocratizada. As decisões são tomadas de cima para baixo, os organismos executivos e estaduais determinam as ordens a serem seguidas. Os Estados ampliaram suas Secretarias de Educação criando as Divisões Regionais de Ensino que, unidas à Delegacias Regionais, fazem o controle ideológicos dos professores, determinando ordens, como "pacotes", para serem executados e não pensadas. Concomitante à isso os professores passaram, gradativamente, a terem seus salários diminuidos. Outro agravante é o fato das associações da categoria terem sido desarticuladas, os líderes que quiseram manter a legalidade vão perdendo em legitimidade, pois tornam-se "pelegos".

Com esses fatores (falta de autonomia dos professores devido à burocratização, baixos salários e associações representando a classe dominante) os professores vão ficando cada vez mais descontentes e, em 1968, procuram /

suas associações, em especial a APEOESP, e manifestaram algumas reivindicações, que são parcialmente atendidas. Logo depois, com o AI-5, mais nada é conseguido, o silêncio novamente se institui, só que agora de uma maneira mais repressora.

Para melhora salarial, os professores vão dando mais aulas, o que "acaba afetando o pedagógico, já que a sobrecarga de trabalho que vão assumindo reduz em muito o tempo diponível para um estudo regular..."(8). O empobrecimento econômico gera o empobrecimento (pedagógico) cutural.

Assim, com o AI-5 e sobrecarregados, os professores vão deixando de participar politicamente e de se organizarem. Segundo Otávio Ianni ocorre "... divórcio, acentuado e tenso, entre o pensamento e a ação, entre o que se pensa e o que se pode dizer, escrever, representar, fazer" (9). Essa pauperização, que afetou o professorado, afetou muito antes e mais violentamente a classe operária e o campesinato.

O período do "milagre brasileiro" é marcado pela hegemonia do capital monopolista estrangeiro, pela intensificação da concentração de renda, pelo desenvolvimento da indústria de bens de consumo suntuários e pela dependência do mercado externo. Esse crescimento econômico que caracterizou essa época, gerou um empobrecimento das classes baixas e médias. A partir de 1974, o Brasil começa a entrar em crise, a dependência do capital externo deixa de ser milagre para tornar-se desastre econômico.

Com essa crise, os salários diminuem ainda mais. A crise do modelo econômico produziu crise no âmbito político. O único partido legal de oposição, o MDB, expressou o descontentamento geral da população e teve vitória nas eleições de 74 em 16 Estados. A classe de professores, que permaneceu até então calada, retoma a iniciativa de organizar-se através de reuniões de estudo, assembléias, publicação de jornais e boletins, abaixos assinados, participação das eleições da APEOESP, comissões de negociação, etc.

Essa reorganização se inicia no ano de 1977, quando os professores de São Paulo, encabeçados por alguns líderes (que tinham experiência em partidos políticos ilegais ou em movimento estudantil e operário), decidem fazer um abaixo-assinado com o objetivo de convocar uma assembléia da categoria. Este foi dirigida ao presidente da APEOESP que, mesmo contra, marca a assembléia em maio de 77 . O in

terior só toma conhecimento desta com a publicação nos jornais. Nessa assembléia foi institucionada a proposta de realização de uma "Comissão Aberta" e vários professores se candidataram a participar. A Comissão Aberta organizou outras assembléias e a APEOESP ficou cada vez mais desacreditada, pois pretendia obstruir esse processo de reorganização.

Em contrapartida, ao ver a categoria se fortalecer, a APEOESP marca uma assembléia no interior e no período de férias escolares, onde são alterados os estatutos da entidade. Pelo pequeno número de professores (o que era proposital), consegue-se aprovar as medidas: necessidade de um terço de assinaturas dos associados para o pedido de convocação de assembléia; mínimo de três anos initerruptos de associados para se candidatarem à diretoria (o que excluía ACT e professores novos, os quais eram justamente a força do movimento).

A resposta dos professores foi imediata: decidiram publicar um jornal, O Precário, que serviu de veículo de discussão e luta.

A Comissão Aberta transformou-se em Comando Geral de Greve, a partir de uma assembléia realizada em agosto de 78, e assim, realiza-se as greves de 78 e a de abril de 79. As lideranças, agora constituídas na "Comissão Pró Entidade Única", formam uma chapa para concorrer às eleições (realizadas durante a greve de 79), vencem e tomam posse em maio do mesmo ano.

O curto intervalo de tempo de uma greve e outra (7 meses), a mudança de governo (Maluf passa a ser governador em 79) e as poucas conquistas salariais fazem com que os professores se sintam desgastados e desacreditados perante o novo governo. Porém, duas conquistas haviam ocorrido: a vitória nas eleições da APEOESP e o fato do professor ter-se transformado em notícia, sendo reconhecido e valorizado pela população. Mesmo assim, essas conquistas não foram suficientes para manter a categoria fortalecida. O governo desautorizou a empresa de processamento de dados do Estado de São Paulo de continuar fazendo o desconto do sindicato na folha de pagamento dos associados. Tal medida dificultou a sobrevivência material da entidade. Esse fato unido à disputa entre as tendências (que em 78 e 79 estavam unificadas) gerou uma grande desmobilização. No processo eleitoral seguinte, as eleições da APEOESP ~~teve~~ tiveram três chapas que representaram essas diferentes tendências. O movimento, ao contrário do que /

deveria acontecer, estava se dissolvendo.

A partir de 80, "vai-se evidenciando um distanciamento do conjunto do categoria em relação às lideranças que há bem pouco tempo tinham sido reconhecidas. Pouco são os que passam a comparecer às manifestações públicas (...), grande é a diferença total de votantes nas eleições para a diretoria da APEOESP em 1979 (para mais) e nas eleições de 1981 (para bem menos) etc. Quando é buscada explicação para o afastamento e ,mais ainda, quando é tentado o restabelecimento do vínculo e os resultados não vêm, uma questão se impõe à consciência dos líderes: Quem é o professor de hoje?"(10).

A década de 80 é marcada pela apatia, desmobilização e falta de participação dos professores. Nessa década, não se apresentou nenhum Projeto de Formação para os professores e estes começaram a perceber o quanto a educação é posta em últimos planos na política governamental.

No que se refere ao Estado de São Paulo, o governador Maluf não apresentou projeto nenhum para a educação, seu mandato foi marcado pelo autoritarismo e total descaso aos professores. O governador Montoro tenta "salvar a escola" pelo Ciclo Básico, introduz a ideologia de participação democrática e implanta o PROFIC (Programa de Formação Integral da Criança); mas nada faz ao professor (tanto em termos de formação e preparação para esses novos projetos quanto em termos de efetivas melhoras salariais). O governador Quércia trata a educação como um serviço de seu projeto eleitoral, apesar de apresentar e realizar vários projetos: Oficinas Pedagógicas, CEFAMs, Centros de Estudos de Línguas, Jornada Única e Municipalização do Ensino; no seu governo ocorre a maior greve da categoria (março a julho de 89).

Esses fatos confirmam que a educação não foi e não é prioridade para esses governos da década de 80. A conseqüência disso é trágica: os professores, desacreditados pelo governo, passam a perder a confiança na categoria e deixam de participar, pois percebem que a luta é inútil numa sociedade onde é mais importante manter a classe dominada alienada e sem direito à uma boa educação. O depoimento de um professor confirma essa tese: "a única maneira de se conseguir alguma coisa é através da greve, é o unico meio, apesar de que não adianta muita coisa porque nós não damos lucro para o Estado." Ou então, como responde outro professor: "O

Estado não dá a mínima para a gente e por isso nossa greve dificilmente funciona ".

Nos anos 80 ocorreram greves consecutivas, praticamente uma por ano. As poucas conquistas salariais, a má formação do magistério, essa"desconsideração"por parte do governo, gera o que é hoje o professor brasileiro: um ser com pouca vontade e com pouco tempo para a luta e participação política.

3.2- Formas de Lutas e de Participação.

3.2.1.- Greves

Antes de 1978, quase não se sabia o que era greve de professores. Apenas em 63 e 68 ocorreram manifestações coletivas, onde o fundamento político ficou mais implícito que explícito . Os professores ainda não tinham se identificado como categoria, não entendiam que constituíam uma classe dominada à serviço dos interesses da classe dominante.

As greves de 78 e 79 são significativas por representarem a reorganização da classe. Após longo período de repressão militar, a categoria, apesar das barreiras enfrentadas, consegue se fortalecer e passa a participar através do trabalho de conscientização dos professores, através das assembléias e das greves. Recebem forte influência dos líderes que participavam de partidos ilegais e do movimento estudantil e operário. São greves importantes pelo fato de "quebrarem" o mito do medo que caracterizou o período militar. Elas deram início ao que seria uma rotina posterior: poucas conquistas, principalmente salariais.

A década de 80 é marcada por constantes greves . A reivindicação feita é quase sempre por salário (ver anexos nº23 e 24 , que estão mostrando os baixos salários e perdas saláriais), mas se referem também à Formação Profissional, Reformas no Ensino, etc. Essas greves vêm gerando um desgaste nos professores, já que pouca coisa é conseguida com elas (pequenos aumentos salariais e nenhuma reforma significativa para o ensino). Os professores percebem pelos resultados das greves, que pouca ou nenhuma importância é dada para a educação.

O lema mais frequente é: " nossa luta é pelo piso" e "só com lutas há conquistas". Assim,ocorrem greves em 84, 85, 86, 87, 88, 89 (a famosa greve de 80 dias), 90, 91 e, neste ano de 92 houve uma paralisação nos dias 4 e 5

de Junho. Veja a seguir, as conquistas dessas greves. O jornal é da APEOESP e, como representante da categoria, ela tenta manipular a idéia de que conquistas importântes aconteceram, mas na verdade sabemos que não é bem isso que pensam os professores.

JORNAL DA APEOESP nº 180, Maio - 92, p.6

Só com lutas conquistamos vitórias

A situação do país é bastante adversa, todos sabemos. Mas é preciso ficar claro: ela nunca foi muito diferente. Para reverter o quadro, só com mobilização e pressão da classe trabalhadora junto ao governo. A APEOESP tem mantido, ao longo de sua mais recente história, uma constante mobilização. E é ela quem nos tem garantido conquistas salariais, funcionais, organizativas. A luta não acabou. Vejam alguns exemplos:

1984: Com três semanas de greve, conquistamos as cinco referências retiradas pelo governo Maluf;

1985: Conquista do novo Estatuto do Magistério, contemplou reivindicações históricas;

1986: Mobilização garantiu 6 referências e mais 25% de reajuste;

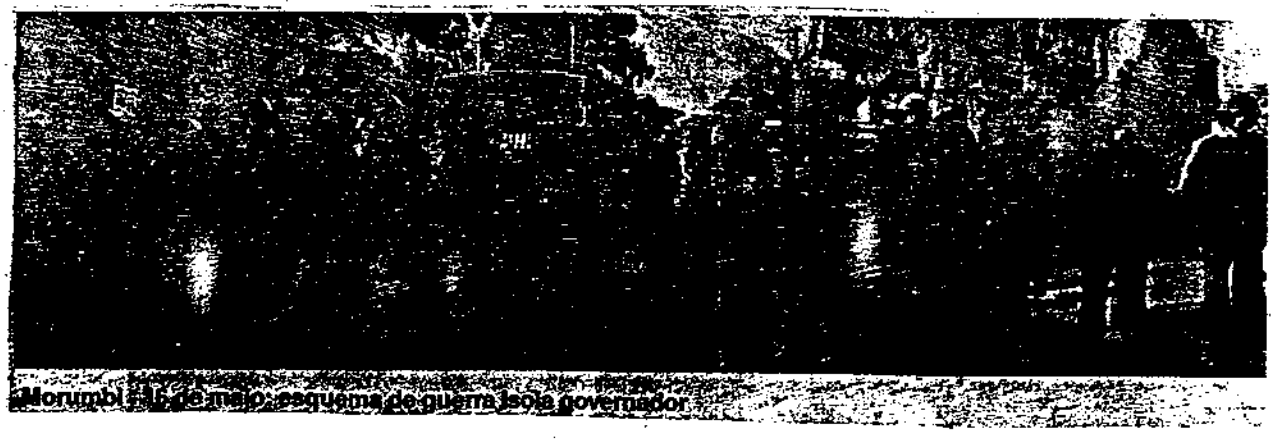
1987: A greve garantiu o pagamento de quatro gatilhos;

1988: Greve de 80 dias. Conseguimos reajustes entre 151% e 126%, isto significou um salário inicial de 3,9 salários mínimos por 20 horas-aulas para o PI;

1990: Para evitar nova greve, o então governador Quércia concedeu 10 referências. Em novembro, o PI chegou a 4,6 salários mínimos por 20 horas-aulas e início de carreira.

A greve de 89 foi a maior de todas da categoria. Ela representou o descontentamento geral dos professores e foi fortemente reprimida pelo governo. O que marcou nessa greve foi o fato da televisão mostrar as imagens de repressão, onde professores em passiatas foram agredidos pelos policiais do Fleury (Secretário de Segurança do Estado de SP. naquele ano). A seguir, vem um histórico detalhado e fotos dessa greve.

JORNAL DA APEOESP nº 158, Julho/Agosto-89, p.4e5



Morumbi, 16 de maio: esquema de guerra isola governador

Janeiro: o XII Congresso da CNTE, realizado em Campinas, aprova a reinvidicação de um salário mínimo do Dieese por 20 horas-aula semanais, de acordo com a Constituição Federal que estabelece o Piso Salarial Profissional para o magistério. Possibilidade de unificação da luta em todo o país.

Fevereiro: no dia 18, a Assembléia Estadual decide iniciar a Campanha Salarial Unificada e a preparação da greve nacional de professores pelo Piso. Decide também participar da greve geral programada para março.

Março: os professores participam nos dias 14 e 15 da greve geral convocada pelas centrais sindicais. Em São Paulo a adesão dos professores atinge 80%. O Secretário da Educação recebe as Entidades do Magistério e diz que nada tem a oferecer. A Assembléia do dia 18 marca uma assembléia geral para o dia 14 de abril e decide preparar a paralisação do dia 30 de março. Professores param no dia 30. Concentração de cinco mil docentes na praça da República. Governo se mantem calado.

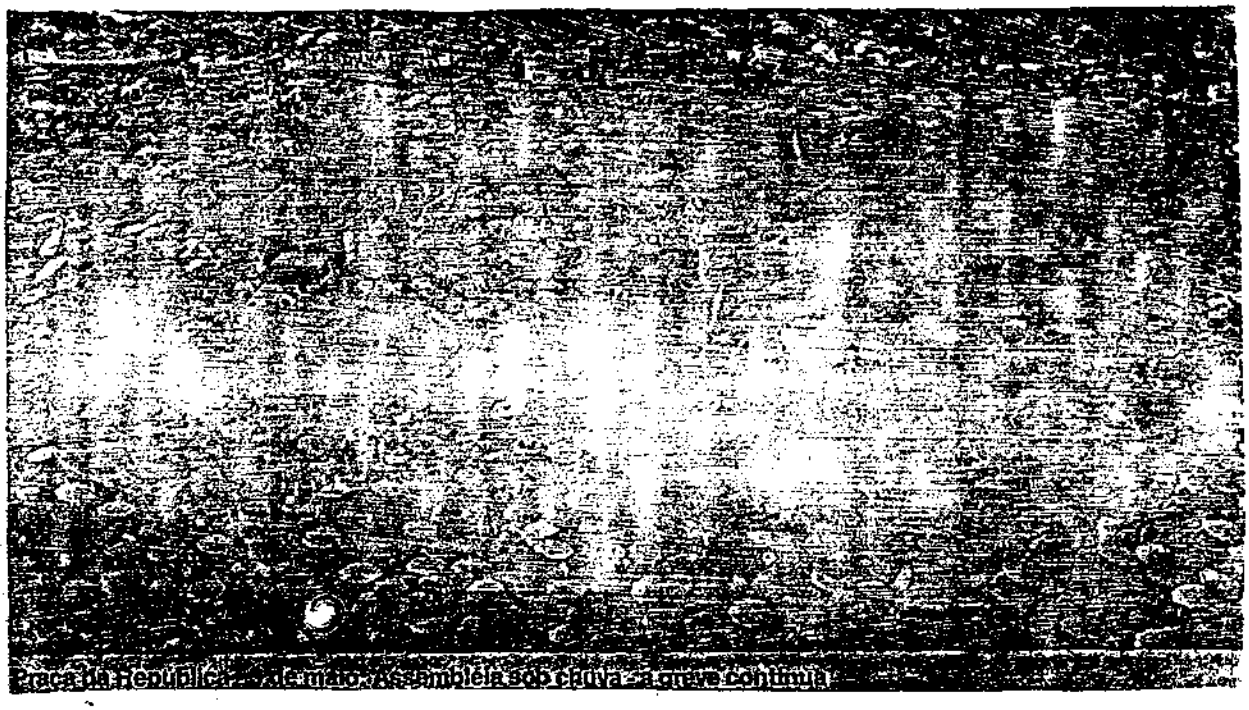
Abril: No dia 12, o Governo, prevendo nova greve no Magistério, anuncia aumento substancial para julho não dizendo o dia quando, como, demonstrando que o objetivo era a nossa desmobilização. Dez mil professores na praça da República, dia 14, decidem organizar greve pelo piso simultaneamente com outros Estados. Dia 17, há reunião com alunos. Dia 18, reunião com pais para a elaboração de dossiê sobre a situação da Escola Pública e explicação dos motivos da paralisação prevista para os dois dias seguintes. No dia 20, a Assembléia decide a greve por tempo indeterminado. No dia 24, o Governo faz a primeira proposta: abono de 50 a 60 cruzados novos. No dia seguinte, a Assembléia rejeita a proposta por unanimidade. A paralisação atinge 90%. Há Assembléias semanais.

Maio: o Governo faz a segunda proposta no dia 4: salário de 400 cruzados novos para PI em início de carreira. No dia seguinte, a APEOESP entrega o dossiê da Escola Pública na Secretaria da Educação. A Assembléia no dia 9 rejeita a proposta por unanimidade e realiza o Ato dos 100 mil no Pátio da Assembléia Legislativa. Quércia viaja, greve continua até o retorno do Governador. Repressão policial nas assembléias dos dias 16 e 23.

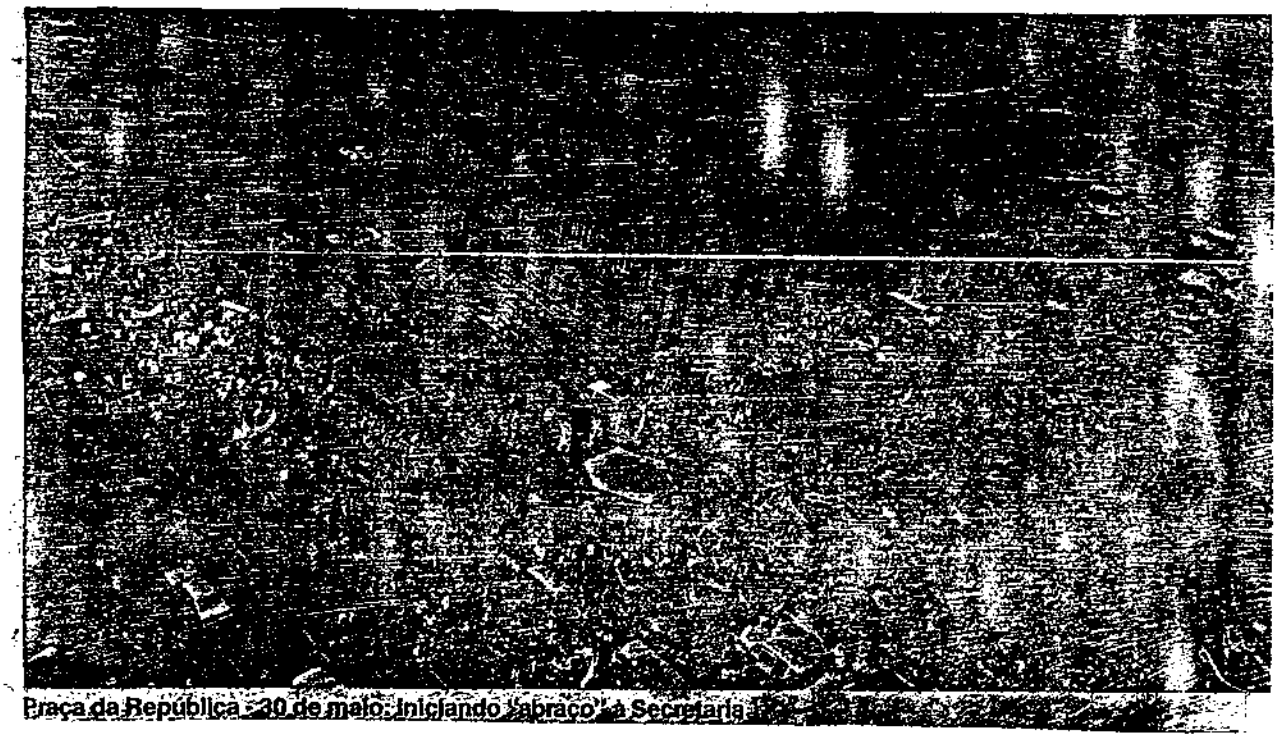
Junho: Almino recebe professores mas não oferece nenhuma proposta e pede trégua. Dia 13, 150 mil cartas da região de Campinas são entregues ao Governador. No dia 14, o Governo faz sua proposta: salário de 700 cruzados novos PI em início de carreira (126%) e 51% em final de carreira. No dia 20, a Assembléia considera a proposta insatisfatória e faz contraproposta: 126% para todos em julho, o que equivaleria a 55% do salário mínimo do Dieese, os 45% restantes seriam pagos em duas parcelas: 25% em junho e 20% em agosto. Governo pressiona por todos os meios, suspende a negociação utilizando-se de recursos de intimidação como: demissões, decretos suspendendo direitos já adquiridos, como um modelo exemplar de autoritarismo e incompetência para tratar de assuntos de Educação.

Julho: no dia 5, Quercia oferece mais 25% (aumento do funcionalismo), passando o salário inicial de 20 aulas mensais para 437,50 cruzados novos. No dia 7 a Assembléia decide a suspensão da greve.

Paulista - 23 de maio: repressão armada continua



Praça da República - 29 de maio: Assembléia sob chuva - a greve continua



Praça da República - 30 de maio: Iniciando "abraço" à Secretaria

As duas greves seguintes (90 e 91) não tiveram a mesma duração, mas evidenciaram que pouca coisa se conse - guiu com a greve anterior. Segundo dados da APEOESP, a gre ve de 90 atingiu cerca de dez mil professores e a de 91 te ve adesão de quinze mil professores e funcionários (aqui a APEOESP já havia se unificado à AFUSE - Associação de Fun- cionários e Servidores em Educação). Neste ano (1992), até agora, não chegou a ocorrer greve, só uma paralização de dois dias (4 e 5 de Junho), onde são fechadas as escolas e realizados várias atividades (cada subsede ficou responsá- vel de organizar as suas). Na Subsede de Campinas, o movi - mento atingiu 60% dos professores no primeiro dia e, no se

gundo dia, 70%, o equivalente a 5 mil professores.

A pouca luta desses últimos anos não representa' que a classe está contente e, por isso, não precisa fazer' greve, na verdade os professores estão exaustos de tenta - rem lutar e pouco conseguirem. Não existe "remédio"para re animá-los. As greves não têm se mostrado eficientes como ' efetivação dos interesses da classe. Infelizmente, a ativi dade educacional não é lucrativa ao Estado e, por isso, ' pouco importa a greve deste setor. Diferente do o que acon tece com os metalúrgicos que, ao deixarem de realizar um ' dia de produção, fazem os empresários perderem muito capi- tal. A educação não traz benefício ao Estado, e sim à popu lação, sendo assim os únicos prejudicados com a extensão ' do período de greve são os alunos. O Governo nada perde, ' pelo contrário até ganha, pois deixa de pagar os dias para dos. A lógica confirma: é preciso buscar outras formas de' luta!

3.2.2.- Sindicato/APEOESP

Nos anos de 64 a 79 a APEOESP é a representação ' dos interesses da classe dominante, nada faz pela catego - ria. Ela é uma "falsa" entidade,já que diz lutar pelos pro fessores e na prática tenta desmobilizá-los. Esses anos de monstram um período difícil, marcado pela repressão mili - tar, pelo medo e pelo silêncio. Os professores quase não ' participam de seu sindicato e, quando se motivam a fazer ' isso, se decepcionam com os dirigentes da entidade.

Quando, a partir de 79, as lideranças que encabe- çaram as greves de 78 e 79, conseguiram formar uma chapa e ganhar as eleições, ocorre uma maior participação dos pro- fessores em seus sindicatos. Eles se sentem melhor repre - sentados e passam a confiar na legitimidade da APEOESP. Lo go em seguida, começa a disputa de tendências que caracte- riza até hoje as eleições do sindicato. Esse fator dificul ta a mobilização da classe,que se sente perdida diante dos ataques de uma chapa para outra. Não se sabe em qual confi ar. As críticas,em vez de serem dirigidas ao "inimigo co - mum" que é a classe dominante e o Governo, são feitas de ' chapa para chapa. Perde-se a noção de quem realmente preju dica os professores.

Outro agravante é a realização de greves perto das eleições sindicais. Esse fato deixa explícito o interesse' político dos dirigentes: "É preciso mostrar trabalho para'

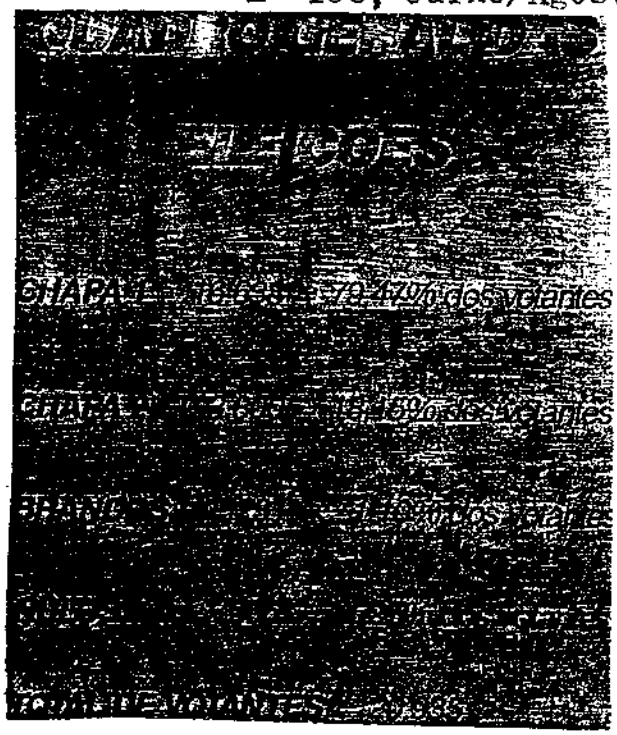
ganhar as próximas eleições". Essa manipulação é uma cópia do que fazem os políticos, o que torna o sindicato, no mínimo, hipócrita.

Como já visto no item "Greves", poucas são as conquistas salariais. A impressão que passa aos professores é que o sindicato é ineficaz; o que é um engano, pois as raras vitórias são "mérito" da política governamental brasileira e não da falta de vontade sindical. Com essa descrença ocorre a não participação (apesar do grande número de filiados), poucos são os professores que realmente vão à APEOESP e frequentam as reuniões. A pesquisa da realidade confirma isso: das dez intrevistadas, 3 não são filiadas, e das 7 que são filiadas à APEOESP, só 3 frequentam as reuniões da entidade (ver questão VI I 23 dos questionários).

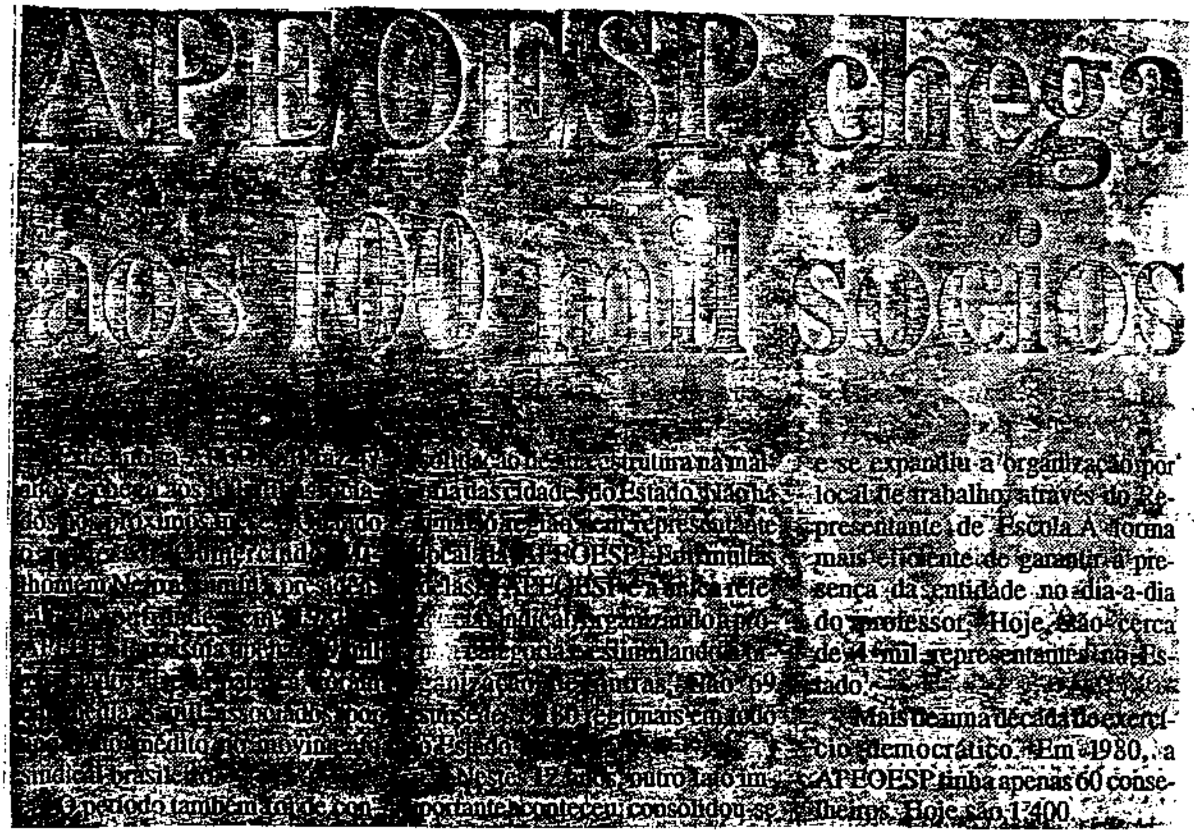
Os anexos de nº 25 e 26 mostram a quantidade de votantes e a quantidade total de professores da cidade. A participação dos professores da subsede de Campinas, nessa última reunião do Conselho de representantes foi de aproximadamente 40%. O nº total de associados dessa mesma regional é de mais ou menos 45% do total de professores. Esses dados mostram quanta falta de interesse há em participar. Se os professores não se sentem motivados em votar muito menos se motivarão em participar politicamente de maneira assídua.

Os recortes a seguir mostram o resultado de uma eleição para a diretoria da APEOESP (89) e o outro mostra a tentativa da APEOESP em enaltecer sua entidade.

JORNAL DA APEOESP nº 158, Julho/Agosto-89, p.10.



JORNAL DA APEOESP nº 177, Janeiro/Fevereiro-92,p.6



APEOESP chega aos 100 mil sócios

... e se expandiu a organização por local de trabalho através do Representante de Escola. A forma mais eficiente de garantir a presença da entidade no dia-a-dia do professor. Hoje, são cerca de 4 mil representantes no Estado. ... Mais de uma década do exercício democrático. Em 1980, a APEOESP tinha apenas 60 conselheiros. Hoje são 1.400.

Um outro problema enfrentado é que as lutas realizadas desde 80, através da APEOESP, trouxeram a discussão do processo educacional para dentro do sindicato, mas não levaram a discussão sindical para dentro da escola. Em 90, segundo dados da APEOESP, os 80 mil professores sindicalizados eram representados por uma liderança inferior a 2%. Portanto, faz-se necessário uma formação básica que aconteça combinada com a luta cotidiana da vida sindical dentro da escola, discutindo as lutas específicas em conjunto com as lutas históricas, do contrário a formação continuará sustentando o distanciamento entre a base e suas lideranças.

Tentei traduzir neste item as dificuldades enfrentadas pelo sindicato, isso não significa que ele seja ineficaz ou inútil; pelo contrário, acredito na sua força e importância como representante da categoria. Na realidade, as dificuldades em ter um sindicato melhor são decorrentes da soma desses problemas: disputa entre as tendências, interesses políticos, reduzidas conquistas salariais, falta de participação e pequena representatividade. Alterando-se este quadro possivelmente o sindicato poderá cumprir com seu dever de representar e fazer valer os interesses de sua classe.

O sindicato deve ser o campo que possibilite o con

flito, capaz de representar as práticas sindicais e discutir a dimensão política que esse conflito possui na construção de uma sociedade mais justa. O sindicato também deve ser responsável pela estruturação e sistematização dos cursos de formação, pois, tendo um contato direto com os professores, sabe (melhor do que as secretarias) o que é melhor para a prática educacional. Para que tudo isto aconteça é imprescindível a resolução daqueles problemas citados acima, só assim haverá uma reestruturação do sindicato.

3.2.3.- Pais de Alunos, Comunidade e Conselho Escolar.

A participação de pais de aluno e da comunidade é de fundamental importância para as conquistas dos professores. A única forma de sensibilizar o governo é fazendo pressão social, haja visto que, em se tratando de educação pública, não existe pressão financeira. A sociedade apoiando a luta dos professores, é motivo de preocupação para o Estado, pois compromete a popularidade dos governantes para as eleições.

Acredito que essa participação tem que ser mais trabalhada pelos professores e pelo sindicato. É necessário fazer uma conscientização dos pais de alunos a respeito dos problemas enfrentados pela educação e pela própria escola. É importante fazer com que eles saibam e participem da luta dos professores, que não deixa de ser uma luta pelo melhor ensino de seus filhos. Basta incutir nesses pais de alunos a importância e o benefício que as vitórias da classe trarão aos seus filhos. A educação sendo valorizada pelos pais e pela comunidade, certamente também será pelo governo (por obrigação, é claro). Não podemos esperar que essa valorização venha de cima para baixo, isso é quase que utopia; temos que trabalhar as bases para que a luta pela valorização do ensino público seja conjunta.

Assim, a escola tem que adquirir esse caráter de irradiação de luta, tem que comportar o debate e a prática política, e tem que conscientizar os pais de alunos.
O papel do Conselho Escolar é de colocar em prática todas essas funções adiquiridas pela escola. Muito mais do que programar festas, discutir algum problema de vazamento ou estrutura no prédio da escola, o Conselho Escolar deve organizar a outra classe da educação-a de alunos e pais de alunos-que está paralela ao professor. O anexo de nº28 mostra

as noções gerais do Conselho Escolar. Além disso, o Conselho é importante porque é um instrumento que democratiza a escola, "tira das mãos do diretor o poder" de determinar ordens.

A população tem que ir até a escola e sentir de perto qual é sua realidade. Bem diferente daquela mostrada pelo governo em suas campanhas na TV. Só conhecendo essa realidade é que a população poderá cobrar, junto com os professores, a necessidade de uma escola pública de qualidade.

Abaixo, vem uma pesquisa realizada para saber se os pais de alunos estavam a favor ou contra a greve de 89. O resultado foi preocupante:apesar da maioria ter consciência de que os baixos salários prejudicam a qualidade do ensino, apenas 51% é a favor da greve. Para uma vitória efetiva da greve é necessário o apoio em massa da comunidade.

JORNAL DA APEOESP nº158, Julho/Agosto-89, p.6

3.2.4.-Movimento Estudantil

Hoje em dia o movimento estudantil tem pouca importância. Comparado às décadas de 60 e 70, onde ele representava enorme força política, atualmente sofre total desmobilização e apatia dos estudantes(gerada pela política e

ducacional militar).

Naquela época, para alguns professores, a experiência inicial na participação do sindicato é conseqüência do movimento estudantil. Ele é "uma escola de formação política". Os estudantes,por serem uma elite cultural (principalmente os que têm nível superior), atuaram na APEOESP como conscientizadores dos outros professores. Nos nossos dias, a formação dos dirigentes da APEOESP está mesclada, continua sendo importante a contribuição dos professores que têm nível superior e maior acesso cultural, porém estes não mais se constituem como categoria (estudantil).

Destaca-se também outro tipo de movimento estudantil, o "movimento" de democracia. Refiro-me aqui à participação dos alunos nas decisões da sala de aula, bem como da escola. Os alunos podem e devem se unir à prática política do professor para retomar a mobilização estudantil dos anos anteriores, para fortalecerem a luta dos professores e,principalmente, para resgatarem sua conscientização.

3.2.5-Partido Político

Vimos no item 3.1., o quanto foi importante a experiência dos professores em partidos políticos (ou tendências) para a direção do movimento grevista. Segundo Maria Luisa S. Ribeiro,"As tendências (PARTIDOS) tomam a iniciativa de organizar uma ação contrária aos obstáculos objetivos e subjetivos criados pelos anos de intensa repressão militar. Portanto, a existência de professores que sejam concomitantemente militantes de partidos políticos(legais ou ilegais) é de fundamental importância no processo de educação da categoria, isto é, da elevação do grau de consciência sobre o significado social dessa mesma categoria".(11)

Atualmente as lideranças sindicais já estão "mascaradas" de partido político, é difícil distinguir os limites de um e outro (exceto os sindicatos "pelegos" que não se identificam com os partidos de esquerda). É frequente nas assembléias dos professores encontrarmos cartazes do PT, PCB, PCdoB, PSB ... misturados aos cartazes da CUT e da APEOESP. Essa união é importante porque fortalece o movimento. Os professores que pertencem e participam desses partidos geralmente são mais politizados que os demais da categoria e suas contribuições para o encaminhamento do sindicato são significativas.

CONCLUSÃO

Ao analisar a pesquisa da realidade, feita através dos questionários anexados, percebemos que poucos são os professores que entendem que o problema da educação é "culpa"do governo. Não só é culpa, mas também é propósito do governo manter o ensino desvalorizado, sem perspectiva de melhoras. Como vimos, a educação é um dos meios de universalização da ideologia da classe dominante, a qual tem o governo como seu representante. O objetivo dessa classe é fazer com que suas idéias se tornem idéias de toda sociedade, ocultando, assim, a luta de classes, bem como seus interesses "incomuns".

O governo, sendo aliado da classe dominante, manipula o Estado para que isso aconteça. Pelo resultado da pesquisa vemos que, no Brasil a classe dominante consegue efetivar seus objetivos. Os professores pesquisados têm noção de que a educação precisa melhorar e têm noção de que alguém ou algo precisa ser mudado para que isso aconteça. Raro,portanto, são aqueles que entendem esse processo de ideologia que determina suas práticas pedagógicas,e que percebem que é a mudança desse processo que trará uma melhoria para a educação. Eles atribuem a causa da "falha" no ensino pela má formação do magistério, pelos baixos salários, pelas condições de trabalho, etc; mas quase nunca percebem a razão maior que determina essas outras "causas", ou seja, o Estado que utiliza a educação como meio de dominação ideológica.

Quando esses mesmos professores são questionados a respeito do que é ser um bom professor, eles geralmente respondem que é necessário gostar muito, ser sacerdócio, dedicar-se à profissão. Não respondem que ser um bom é mudar esse processo de ideologia. Para que haja essa mudança é necessario que os professores se identifiquem como uma classe, produtora de suas próprias idéias ao contrário de tomarem as idéias da classe dominante como sendo as suas. Porém, esse processo de conscientização e organização de classe só se dará com a efetiva participação política dos professores em defesa de suas idéias.

NOTAS

(1) HOBSBAWN, Eric. A Era do Capital. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 254 e 255.

(2) GADOTTI, Moacir. Ação Pedagógica e Prática Social Transformadora. Educação e Sociedade, ano 1 nº 4. São Paulo: Cortez & Moraes, Setembro/79, p.11.

(3) CHAUI, Marilena de Souza. O que É Ideologia. 1ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 90.

(4) idem, p. 108 e 109.

(5) RIBEIRO, Maria Luisa Santos. A Formação Política do Professor de 1ª e 2ª Graus. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1987, p. 23.

(6) ibidem, p. 40.

(7) ibidem, p. 222.

(8) ibidem, p. 225.

(9) OTÁVIO IANNI apud RIBEIRO, ibidem, p.228.

(10) ibidem, p. 268.

(11) ibidem, p. 264.

BIBLIOGRAFIA

1- CHAUI, Marilena de Souza. O que É Ideologia. 1ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

2- GADOTI, Moacir. Ação Pedagógica e Prática Social Transformadora. Educação e Sociedade, ano 1, nº 4 São Paulo: Cortez & Moraes, Setembro/79.

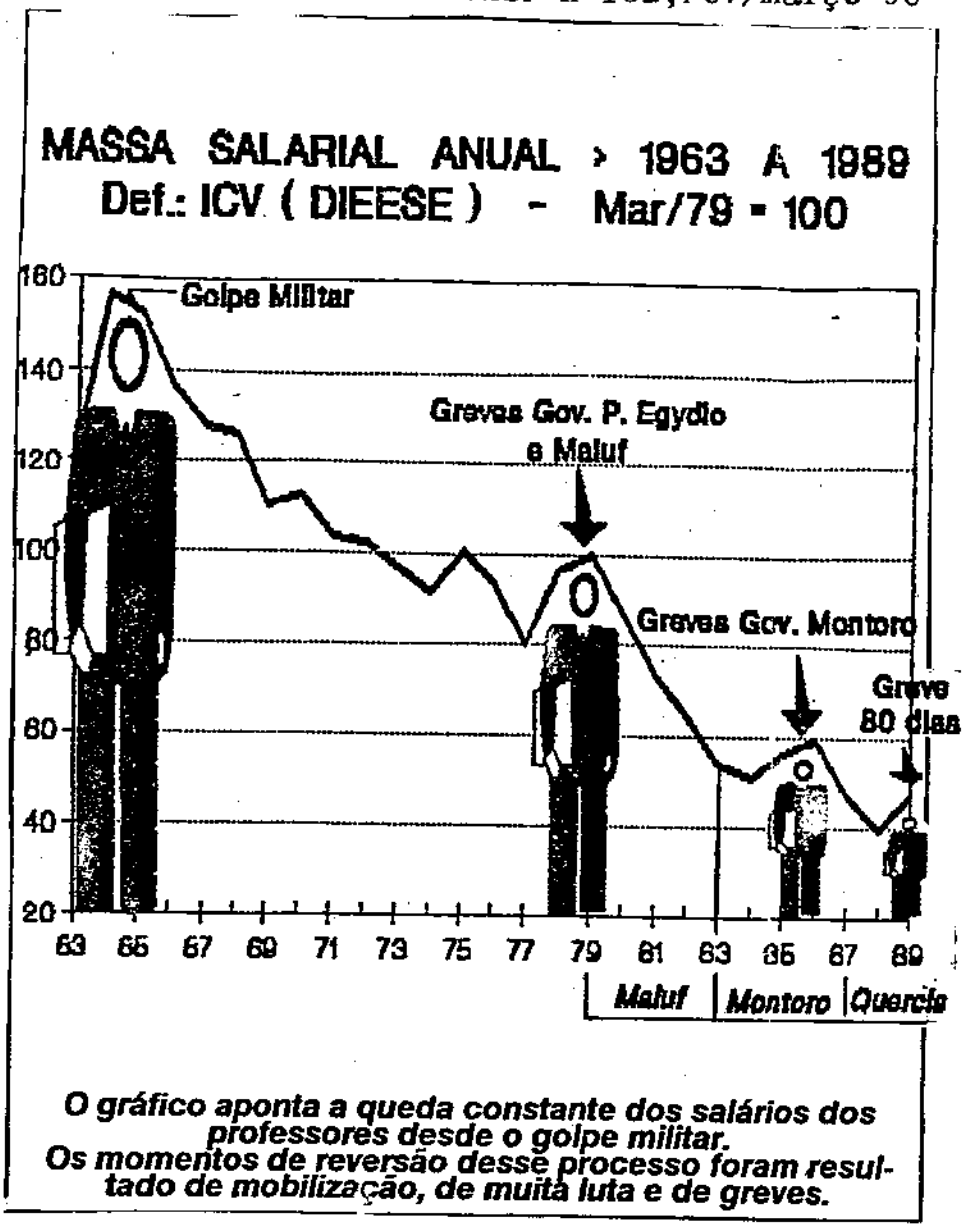
3- HOBSBAWN, Eric. A Era do Capital. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

4- MARTINS, Maria Anita Viviane. O Professor Como Agente Político. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 1987.

5- RIBEIRO, Maria Luisa Santos. A Formação Política do Professor de 1º e 2º Graus. 2ª Ed. São Paulo : Cortez, 1987.

SALÁRIO DO PROFESSOR

Jornal da APEOESP nº162, Fev/Março-90

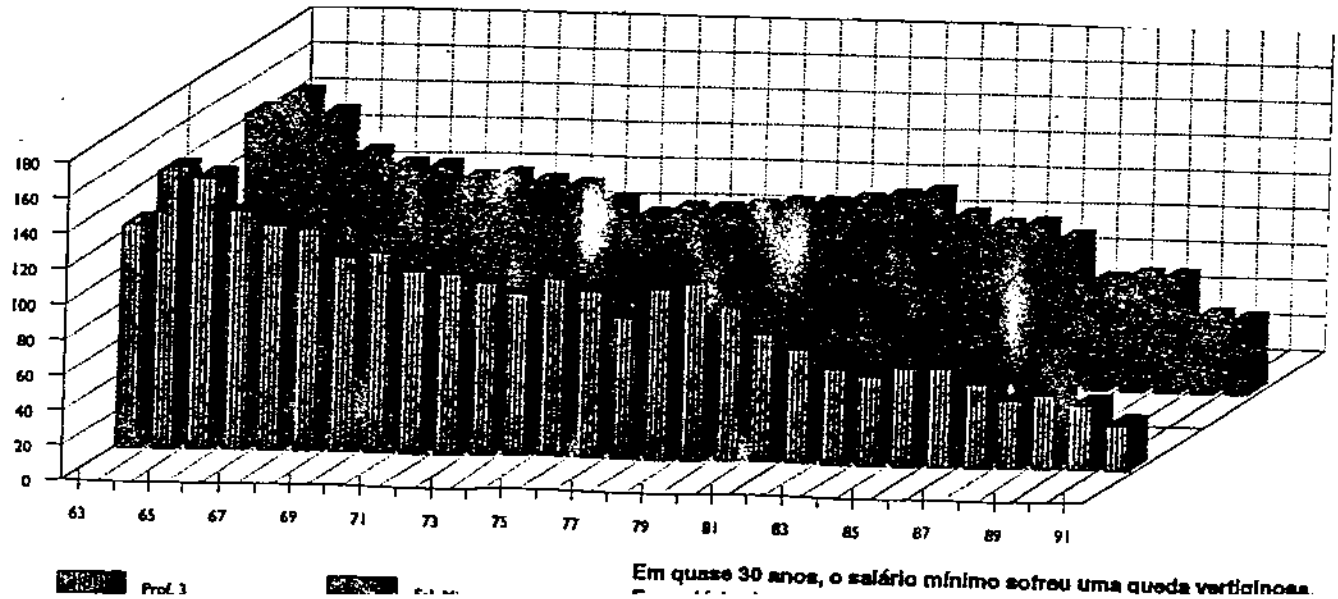


PERDAS SALARIAIS NOS ÚLTIMOS GOVERNOS

GOVERNO MALUF (MARÇO/79 A MARÇO/83)	39.83%
GOVERNO MONTORO (MARÇO/83 A JANEIRO/87)	8.84%
GOVERNO QUÉRCIA (JANEIRO/87 A FEVEREIRO/90)	45.88%
PERDA ACUMULADA NESSES 3 GOVERNOS (MARÇO/79 A FEVEREIRO/90)	70.32%

Para repor as perdas acima o professor precisaria, ALÉM DO REAJUSTE de 56.11% dado pelo governo em MARÇO/90, de um dos reajustes ao lado (conforme o período que se pretenda recuperar):

Cartaz da APEOESP



SALÁRIO DO PROFESSOR

Jornal da CNTE ano 1, nº6, Setembro-89

QUADRO SALARIAL DOS PROFESSORES

REDE ESTADUAL — **AGOSTO/89** — **REDE MUNICIPAL CAPITAL**

UF	2º Grau	1ª Curso	1ª Plena	C/H	2º Grau	1ª Curso	1ª Plena	C/H
AC								
AL	124,45	146,77	227,55	20				
AM	369,00	516,00	574,50	20				
AP	283,43	433,82	618,47	20				
BA	192,00	213,52	267,04	20	266,80		400,20	20
CE	324,04	432,06	540,07	20	175,56	390,00	447,20	20
DF	645,40	806,19	1.017,24	20				
ES	262,00	299,37	352,20	20	543,00	799,00	1.016,00	20
GO	368,02	412,18	515,23	20	205,59	261,47	342,32	20
MA	348,50	417,35	447,95	20	167,05	261,87	336,62	20
MG	270,22	450,37	565,42	20				
MS	289,70	434,55	579,40	20				
MT	238,00	357,00	440,30	20	771,00	925,20	1.002,90	20
PA					268,80		338,00	20
PB	283,30	386,60	437,61	20				
PE	298,90	319,00	349,00	20	319,69	425,00	581,00	20
PI	225,00	248,80	281,00	20	358,57		506,51	20
PR	230,00	317,40	419,76	20	485,56	539,06	660,07	20
RN	126,00	202,80	296,40	20	338,40	414,00	453,60	20
RJ	297,56	373,25	373,25	20	346,52	434,69	434,69	20
RO	239,34	280,39	329,00	20			1.350,00	20
RR	539,35	623,55	823,61	20	445,13	489,62	538,61	20
RS	270,52	405,78	500,46	20				
SC	257,38	349,35	395,67	20				
SE	266,40	406,24	546,61	40	230,88	352,07	473,73	40
SP					701,59		778,93	20
TO	368,02	412,18	515,23	20	288,00			20

OBS.: Os salários publicados referem-se aos professores em início de carreira.
RR – o salário de Roraima que saiu na última tabela foi de final de carreira

ELEIÇÕES DO CONSELHO DE REPRESENTANTES DA SUBSEDE DE CAMPINAS-29 de maio/1992

CAMPINAS

1º lugar-	Lindabel Delgado Cardoso - EEPSG José Maria Matosinho	876	votos
2º lugar-	Berenice Palma - EEPSG Dep. Eduardo Barnabé	780	"
3º lugar-	Maria Lígia de Oliveira Amêndola - CEES-Unicamp	723	"
4º lugar-	Adriano Marins Santos- EEPSG Carlos Gomes	710	"
5º lugar-	Josefina Carazzato- EESG Vítor Meirelles	611	"
6º lugar-	Elza de Lima - EEPSG Maria Julieta G. Cartezani	607	"
7º lugar-	Mário Luiz Adão de Souza- EEPSG Newton P. Neves	582	"
8º lugar-	Catarina Maria Tozze- EEPG Inst. Pop. Humberto de Campos	430	"
9º lugar-	Luciano José de Melo- EEPSG Adalberto Prado e Silva	394	"
10º lugar-	Maria de Castro R. Muoio- EEPSG Wilson B. Tóffano	387	"
11º lugar-	Izilda da Costa Carvalho- EEPSG Dep. Eduardo Barnabé	379	"
12º lugar-	Aparecida Saldanha da Silva- EEPSG Orozimbo Maia	330	"
13º lugar-	Adhemar Caetano Monteiro- EEPSG Miguel V. Cury	329	"
	Maria de Lourdes Cosme da Silva- EEPG Mário Junqueira	329	"
15º lugar-	Luizete Alberti Coimbra - EEPG Djalma Octaviano	292	"
16º lugar-	Claudia Lisia Martins - EEPG Pe. José dos Santos	269	"
17º lugar-	Maria Quarezemin - EEPG Prof. Geraldo alves Corrêa	267	"
18º lugar-	Jorge Ferreira da Fortuna - EEPG Dona Veneranda M. Siqueira	252	"
19º lugar-	Anatalino Araújo Santos Fº - EEPG Major Adolpho Rossin	234	"
20º lugar-	Josiane Aparecida Marangoni - EEPSG Hercy Moraes	227	"
21º lugar-	Santa B. da Silva Neta - EEPG Dona Veneranda S. O. Figueiredo	164	"
		019	" Nulos
		014	" Brancos
	Total de votantes	1716	

Total de professores=1756

COSMÓPOLIS

1º lugar-	Lilka Stockler Xavier - EEPG da Usina Estér	50	votos
2º lugar-	Kaia Aparecida de Campos - EEPSG Dr. Paulo de A. Nogueira	30	"
3º lugar-	Edalva Floriano de Lira - EEPSG Dr. Paulo de A. Nogueira	28	" (suplente)
	Total de votantes	117	

Total de professores=297

JAGUARIÚNA

1º lugar-	Andrea Rodrigues Fabi - EEPSG Prof. Celso Henrique Tozzi	81	votos
		01	voto Nulo
		01	voto Branco
	Total de votantes	83	

Total de professores=248

INDAIATUBA

1º lugar-	Carlos Alberto Rezende Lopes - EEPSG D. José de C. Barros	238	votos
		01	voto Nulo
		01	voto Branco
	Total de votantes	240	

Total de professores=897

MONTE-MÓR

Total de votantes - 74 - Não houve quórum para eleger conselheiro

Total de professores=257

SUMARÉ

1º lugar-	José Francisco - EEPG Jd. Nossa Senhora Auxiliadora	321 votos
2º lugar-	Renata Camargo Cortese - EEPSG Guido Rosolén	283 "
3º lugar-	Osmar Tostes - EEPSG Guido Rosolén	248 "
4º lugar-	José Carlos Mariano - EEPSG Jd. Denadai	240 "
5º lugar-	Ruilan dos Santos - EEPG Santa Clara do Lago II	232 "
6º lugar-	Iara Sacaramelli - EEPSG D. Jayme de B. Câmara	203 "
7º lugar-	Antonio Roberto Pimenta - EEPG Maria Cheila Alves	166 "
8º lugar-	Denise Raymundn Vasconcellos - EEPG Maria Rita Araújo	143 "
9º lugar-	Evaldo Maurílio de Souza - EEPG Profª M. A. G. La Fortezza	136 "
10º lugar-	Valdir Mauricio Carnelocci - EEPSG Guido Rosolen	112 "
11º lugar-	Rosilene Aparecida Momesso - EEPSG São Judas	104 "
		012 " Nulos
		001 voto branco

Total de votantes 275

Total de professores=[illegible]

VALINHOS

1º lugar-	João Oliveira de Souza - EEPG Pe. Leopoldo P. V. Liempt	62 votos
2º lugar-	Célia Maria Marques de Nóbrega - EEPG Pe. Leopoldo P.V. Liempt	61 "
		03 " Nulos
		01 voto Branco

Total de votantes [illegible]

Total de professores=212

VINHEDO

1º lugar-	Élsio Álvaro Bocaletto - EEPG Vila João XXIII	55 votos
2º lugar-	Fátima Aparecida J. da Silva - EEPG Profª Magdalena Lébeis	23 "
		04 " Nulos
		01 voto branco

Total de votantes 83

Total de professores=155

AMPARO

1º lugar-	Júlia Maria Cônsoli - EEPG Noedir Mazzini	109 votos
2º lugar-	Paulo Roberto Accorsi Pereira- EEPSG Dr. Coriolano Burgos	53 "
3º lugar-	José Raimundo Gaspari - EEPG Prof. José S. de Oliveira	45 "
4º lugar-	Maria Aparecida Camano - EEPG Prof. José Scalvi de Oliveira	14 " (suplente)

Total de votantes [illegible]

Total de professores=[illegible]

SERRA NEGRA/ÁGUAS DE LINDÓIA

1º lugar-	Ana Rosa Rolim - EEPSG Dr. Jovino Silveira	65 votos
2º lugar-	Paulo Ricardo Pereira Torres - EEPG Dr. Vicente Rizzzo	54 "

Total de votantes [illegible]

Total de professores=345

PAULÍNIA

1º lugar-	Ana Maria Cavagliero - EEPG do Morro Alto	24 votos
2º lugar-	José Geraldo Corrêa Jr. - EEPG Yolanda P. Tiziani	06 " (suplente)

Total de votantes [illegible]

Total de professores=392

Não houve eleições: Lindóia (43 professores)
Pedreira(242 professores)
Monte Alegre do Sul(62 professores)

Associados de Campinas= 2440

Asscíadoos da região = 4447

Nº total de professores da região = [illegible]0158

Nº total de votantes = 4004

DESPESAS COM A EDUCAÇÃO - ICMS

Jornal da APEOESP nº166, Agosto-90

ANO	% da Despesa Total em Educacao (1o, 2o Graus e Ensino Superior)	% do ICM/ICMS(QPE) Aplicados no Ensino: 1o Grau	1o e 2o Graus
1.979	23,11	28.00	29.78
1.980	21.57	24.96	26.50
1.981	21,50	25.96	27.67
1.982	21.23	26.14	27.86
1.983	20,14	23.67	25.40
1.984	19,70	23.19	24.76
1.985	20,10	22.72	23.85
1.986	18,95	20.61	22.25
1.987	20,27	23.15	25,02
1.988	17,44	18,95	20.46
1.989	17,55	20.14	21.90
1.990	17,40	21.71	23.41
1.991	16,77	19,92	21.43

	1979 (%)	1989 (%)
Secretaria da Educação	29,80	21,91
Judiciário	6,27	12,96
Secretaria de Transporte	15,94	24,36
Legislativo	0,98	1,25
Trabalho, Assist. Previdência	18,70	22,57

Obs.: Percentuais do total de arrecadação do ICMS.

	1.979	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91
Legislativo	0,51	0,56	0,55	0,63	0,73	0,58	0,53	0,54	0,54	0,65	0,61	0,37	0,60
Judiciário	3,62	3,49	3,53	3,53	3,58	3,31	3,98	6,82	6,26	4,12	6,27	6,25	6,37
Adm. e Planejamento	29,01	31,09	25,21	25,01	27,94	30,40	29,10	27,27	23,76	22,96	27,72	26,30	30,45
Agricultura	2,23	2,28	2,01	1,67	1,53	1,91	1,67	1,57	1,42	1,27	1,23	1,08	1,09
Comunicacoes	0,04	0,04	0,02	0,01	0,01	0,01	—	—	—	—	—	—	—
Def. Nal. e Seg. Pub.	8,34	7,39	7,26	7,01	6,81	5,88	6,62	6,29	7,26	6,41	6,29	7,27	7,69
Desenvolvimento Reg.	0,21	0,20	0,46	0,36	0,34	0,24	0,27	0,40	0,32	0,28	0,13	0,10	0,02
Educacao	23,11	21,57	21,50	21,23	20,14	19,70	20,10	18,95	20,27	17,44	17,55	17,40	16,77
Cultura	0,49	0,61	0,68	0,68	0,55	0,54	0,52	0,45	0,45	0,41	0,53	0,65	0,98
Ener.e Rec. Mins.	2,09	2,02	7,42	7,02	4,13	1,14	0,88	0,78	0,86	0,52	0,13	0,16	0,09
Hab. e Urbanismo	0,75	0,37	0,18	0,17	0,92	0,45	0,29	0,64	0,55	0,96	0,24	0,73	2,04
Ind., Com e Servs.	1,01	2,21	1,06	0,92	0,95	1,19	2,15	1,52	1,17	0,96	0,70	0,91	0,31
Saúde e Saneamento	8,61	8,13	7,81	8,05	8,65	6,81	7,89	7,97	9,29	13,94	15,18	12,35	12,38
Trabalho	0,26	0,26	0,22	0,18	0,16	0,14	0,14	0,14	0,12	0,10	0,03	0,02	0,03
Assis. e Prev.	10,53	10,24	10,73	10,89	11,69	11,32	12,77	14,38	15,39	12,05	10,90	12,00	11,09
Transportes	9,19	9,54	11,36	12,64	11,87	16,38	13,09	12,28	12,34	15,88	11,79	14,41	10,09
TOTAL:	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

CONSELHO ESCOLAR
Folhetim da APEOESP

6 Sobre o que decide o Conselho

O Conselho de Escola discute e decide

sobre:

- diretrizes e metas da escola;
- calendário escolar;
- regimento escolar;
- soluções para os problemas da escola;
- aproximação entre escola-família-comunidade;
- uso dos recursos financeiros da escola;
- penalidades para os funcionários e alunos que cometerem falta grave;
- outros assuntos importantes à vida da escola.

Como estamos vendo, o Conselho é o local onde todos nós podemos atuar para democratizar e melhorar nosso espaço de trabalho e de estudo para todos os alunos.

Em 1992, o Conselho de Escola deverá existir em todas as 6.506 unidades do Estado de São Paulo.
Não perca a reunião para eleição do Conselho no mês de fevereiro.

REUNIÃO PARA ELEIÇÃO DO CONSELHO

DIA: ____/____/92

HORA: _____

QUESTIONÁRIO (VIII) 1

Assinale a(s) série(s) em que leciona : 1,2,(3),4,5,6,7,8

Quantidade de anos no magistério : 10

RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO (utilize o verso, se necessário)

VIII19 - O que você acha que deve acontecer para que ocorra uma mudança, para melhor, no âmbito da sua profissão (magistério) ?

Mudar a estrutura do magistério, valorização do profissional.

VIII20 - Qual é a sua opinião a respeito das greves e movimentos reivindicatórios no âmbito do magistério ? Você tem participado desses movimentos ? De que forma e com que frequência ?

Concordo com a greve, e acho que a reposição de aula deve ser de livre escolha. O Estado não dá a mínima para a gente e por isso nossa greve dificilmente funciona. Tenho participado frequentemente conforme a APEOESP pede.

VIII21 - Para você, o que é ser um bom professor no Brasil de hoje ?

Ser um bom professor hoje no Brasil é uma Utopia. Não há uma política voltada para a educação, O professor não tem condições financeiras para investir em ltura.

VIII22 - Por que você é professora ? Qual é a finalidade básica de seu trabalho junto aos seus alunos ?

Porque eu gosto. Contribuir para a formação para que os mesmos mude essa sociedade caótica em que vivemos.

2

QUESTIONÁRIO (VIII)

Assinale a(s) série(s) em que leciona : 1,2,3,(4),5,6,7,8

Quantidade de anos no magistério : 6

RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO (utilize o verso, se necessário)

VIII19 - O que você acha que deve acontecer para que ocorra uma mudança, para melhor, no âmbito da sua profissão (magistério) ?

Mudança do salário (melhoria), melhores condições de trabalho (material, estrutura física escolar)

VIII20 - Qual é a sua opinião a respeito das greves e movimentos reivindicatórios no âmbito do magistério ? Você tem participado desses movimentos ? De que forma e com que frequência ?

Eu acho que a única maneira de se conseguir alguma coisa é através da greve, é o único meio, apesar de que não adianta muita coisa porque nós não damos lucro para o Estado. Tenho participado com freqüência, até agora participei de todas.

VIII21 - Para você, o que é ser um bom professor no Brasil de hoje ?

Apesar de todo o esforço da classe, é bem difícil ser um bom professor hoje devido as condições gerais do Brasil.

VIII22 - Por que você é professora ? Qual é a finalidade básica de seu trabalho junto aos seus alunos ?

Porque não tive outra opção na época em que estudava.

Fazer com que eles cresçam como pessoa e ser humano.

3

QUESTIONÁRIO (VIII)

Assinale a(s) série(s) em que leciona : (1),2,3,4,5,6,7,8

Quantidade de anos no magistério : 17

RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO (utilize o verso, se necessário)

VIII19 - O que você acha que deve acontecer para que ocorra uma mudança, para melhor, no âmbito da sua profissão (magistério) ?

- Classes com número menor de alunos.
- Que a escola seja valorizada perante os alunos, a sociedade e a família.

VIII20 - Qual é a sua opinião a respeito das greves e movimentos reivindicatórios no âmbito do magistério ? Você tem participado desses movimentos ? De que forma e com que frequência ?

Concordo com a greve como objetivo de melhora de salários, embora nas últimas greves não tenha participado.

VIII21 - Para você, o que é ser um bom professor no Brasil de hoje ?

Acredito que todos os professores se esforcem para serem bons profissionais, embora haja muita falta de recursos tais como:
- classes numerosas que dificultam o trabalho
- falta de interesse pela escola, por parte dos alunos e da família.

VIII22 - Por que você é professora ? Qual é a finalidade básica de seu trabalho junto aos seus alunos ?

Gosto de minha profissão, tenho como objetivo de trabalho;
- educar os alunos, compreender.
- levá-los a adquirir novos conhecimentos,
- experiências novas.

VIII 23- Você
a sua 1
sim.

Assinale a(s) série(s) em que leciona

Quantidade de anos no magistério : 2

RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO

VIII19 - O que você acha que deve acon
mudança, para melhor, no âmb

A partir da m
dicações dos profes
haverá uma me

VIII20 - Qual é a sua opinião a respe
vindicatórios no âmbito do m
desses movimentos ? De que f

- Não participo
grevistas.

VIII21 - Para você, o que é ser um bo

É dar uma
de ensino aos seu
jando assim a E
trabalhar com ar
peito ao ser hum

VIII22 - Por que você é professora ? C
trabalho junto aos seus alun

Porque gosto mu
Fazer com que
cessidade da leit
lhor de estudos pa

sua

QUESTIONÁRIO

Assinale a(s) série(s) em que leciona : 1,2,3,(4),5,6,7,8

Quantidade de anos no magistério : 2

ona

RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO (utilize o verso, s

VIII19 - O que você acha que deve acontecer para que ocor mudança, para melhor, no âmbito da sua profissão

Deve haver a valorização do edu profissional que exerce uma função de tal importância não só apenas na vida mas na vida do país.

VIII20 - Qual é a sua opinião a respeito das greves e mov vindicatórias no âmbito do magistério ? Você tem desses movimentos ? De que forma e com que frequ

Eu acho a classe desunida. Enqu ver uma conscientização de que a gre sultados quanto a sua totalidade de não conseguiremos atingir os objetivos. Ac tos necessários, uma vez que não nos uni da. Tenho participado com frequência p divulgando e esclarecendo aos alunos e pais

VIII21 - Para você, o que é ser um bom professor no Brasi

"Ser professor é quem de repente aj Ser professor é ensinar aos alu nhar sozinho com suas próprias perna a serem cidadãos críticos e pensantes, p possam descobrir seus direitos e deveres; e dão. Ser professor é aprender junto com o to eles fazem a descoberta.

VIII22 - Por que você é professora ? Qual é a finalidade trabalho junto aos seus alunos ?

Porque eu tenho um projeto de t to à escola pública. Porque eu acredito tente p/ desempenhar um trabalho com Porque eu acredito na escola pública transformadora da sociedade.

Porque eu me realizo no meu

QUESTIONÁRIO (VIII)

Assinale a(s) série(s) em que leciona : 1,2,3,4,5,6,7,8

Quantidade de anos no magistério : 13

RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO (utilize o verso, se necessá

VIII19 - O que você acha que deve acontecer para que ocorra uma mudança, para melhor, no âmbito da sua profissão (magisté

Vendo a educação como prioridade todos os governos, reconhecendo a sua imp ia para o desenvolvimento do nosso País.

VIII20 - Qual é a sua opinião a respeito das greves e movimentos r vindicatórios no âmbito do magistério ? Você tem particip desses movimentos ? De que forma e com que frequência ?

Todas as reivindicações justas tem como lhorar e reforçar os ideais que estamos te lcançar. Lutar por todos eles principalment o estamos firmes por aquilo que estamos a ticipo de todos os movimentos

VIII21 - Para você, o que é ser um bom professor no Brasil de hoje

Lutar pelos seus ideais, colocando a ed mo algo que tem que ser levado realme ério

VIII22 - Por que você é professora ? Qual é a finalidade básica de trabalho junto aos seus alunos ?

Porque realmente gosto de passar inform tento desenvolver em cada criança o ritico para poder mais tarde saber critic e está acontecendo e não somente aceite

7

QUESTIONÁRIO (VIII)

Assinale a(s) série(s) em que leciona : 1,2,3,4,5,6,7,8

Quantidade de anos no magistério : 4

RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO (utilize o verso, se necessário)

VIII19 - O que você acha que deve acontecer para que ocorra uma mudança, para melhor, no âmbito da sua profissão (magistério) ?

muitas coisas estão ruins, e muito deve ser feito. Entre eles, a organização da classe, isto é, que se torne mais participativa dentro dos movimentos e do seu sindicato. Também precisava de uma participação maior na administração escolar, nos conselhos escolares. Uma participação efetiva na sociedade, também.

VIII20 - Qual é a sua opinião a respeito das greves e movimentos reivindicatórios no âmbito do magistério ? Você tem participado desses movimentos ? De que forma e com que frequência ?

Os movimentos e greves estão muito fracos. Já não convencem bem nem mesmo os professores. Os sindicatos estão burocratizados, e não se consegue perceber claramente qual a ideologia seguida, de acordo com a prática que vemos. Percebemos pelos "momentos" importantes são perdidos no chamamento, na mobilização da classe. Particularmente tenho participado desses movimentos mas é muito desgastante.

VIII21 - Para você, o que é ser um bom professor no Brasil de hoje ?

Sinceramente tenho muitas dúvidas a este respeito, mas creio que uma metodologia que tire a juventude da apatia e marasmo alienante em que se encontra é primordial para um professor preocupado com a educação, seus fins e a realidade atual da qual participamos e somos responsáveis.

Quanto aos conteúdos específicos é importante que

VIII22 - Por que você é professora ? Qual é a finalidade básica de seu trabalho junto aos seus alunos ?

Percebo uma realidade absurda e que grita por mudanças. Vejo crianças morrendo de verminoses e desnutrição, adolescentes grávidas,.... Vejo também um saber nas mãos de poucos e que deve ser socializado, vejo um país precisando de mudanças estruturais profundas. Acredito que a educação, e no meu caso específico a Biologia possa ajudar,

8

QUESTIONÁRIO (VIII)

Assinale a(s) série(s) em que leciona : 1,2,3,4,5,6,7,8

Quantidade de anos no magistério : 21 (Sou Assistente Pedagógico também)

RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO (utilize o verso, se necessário)

VIII19 - O que você acha que deve acontecer para que ocorra uma mudança, para melhor, no âmbito da sua profissão (magistério) ?

Reuniões, para discussões, entre professores que realmente escolheram o magistério e o colocam em 1º lugar. Devemos mudar o nosso íntimo para tentar mudar os que estão ao nosso redor para depois pensar mais amplamente no magistério.

VIII20 - Qual é a sua opinião a respeito das greves e movimentos reivindicatórios no âmbito do magistério ? Você tem participado desses movimentos ? De que forma e com que frequência ?

Pouco inteligentes.

Muito espanta que nossa classe (culta) não consiga planejar algo que realmente revele o que ela é, o que pretende e que sensibilize os demais.

Errar, apenas uma vez.

Participei de uma em passeatas, com cartazes.

VIII21 - Para você, o que é ser um bom professor no Brasil de hoje ?

Além da boa formação, cultura, reciclagem, etc, há a necessidade de ser alguém que respeite a si e aos demais elementos da escola, principalmente alunos, que seja digno, que coloque o idealismo em primeiro lugar.

VIII22 - Por que você é professora ? Qual é a finalidade básica de seu trabalho junto aos seus alunos ?

1) Porque gosto da profissão, sou idealista, amo o ser humano.

2) Sinto que posso ajudar a melhorar o ser humano, a educação, o "mundo" porque faço tudo com amor.

9

QUESTIONÁRIO (VIII)

Assinale a(s) série(s) em que leciona : 1,2,3,4,5,6,7,8

Quantidade de anos no magistério : 2 anos

RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO (utilize o verso, se necessário)

VIII19 - O que você acha que deve acontecer para que ocorra uma mudança, para melhor, no âmbito da sua profissão (magistério) ?

→ Deve acontecer uma conscientização geral referente a educação.

VIII20 - Qual é a sua opinião a respeito das greves e movimentos reivindicatórios no âmbito do magistério ? Você tem participado desses movimentos ? De que forma e com que frequência ?

→ Eu acho que não devíamos precisar chegar a tanto.

→ Não

VIII21 - Para você, o que é ser um bom professor no Brasil de hoje ?

→ Conhecer a fundo o que ensina e gostar. é claro!

VIII22 - Por que você é professora ? Qual é a finalidade básica de seu trabalho junto aos seus alunos ?

→ Gosto dessa profissão.

→ Ajuda-los a adquirirem pouco de :

- conhecimento da matéria
- educação
- respeito mútuo
- principalmente auto-estima

10

QUESTIONÁRIO (VIII)

Assinale a(s) série(s) em que leciona : 1,2,3,4,5,6,7,8

Quantidade de anos no magistério : 2

RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO (utilize o verso, se necessário)

VIII19 - O que você acha que deve acontecer para que ocorra uma mudança, para melhor, no âmbito da sua profissão (magistério) ?

Deve haver uma conscientização dos professores em relação a sua função social.

VIII20 - Qual é a sua opinião a respeito das greves e movimentos reivindicatórios no âmbito do magistério ? Você tem participado desses movimentos ? De que forma e com que frequência ?

Elas devem acontecer para mostrar o descontentamento dessa classe.

Não tenho participado.

VIII21 - Para você, o que é ser um bom professor no Brasil de hoje ?

É saber trabalhar com a realidade dos alunos, tornando-os participantes da sociedade em que vivem.

VIII22 - Por que você é professora ? Qual é a finalidade básica de seu trabalho junto aos seus alunos ?

Porque gosto da profissão, identifico-me com os alunos.

A minha finalidade é formar alunos capazes de criticar e transformar a sociedade naquilo que for necessário.